



As condições de aprendizagem filosófica pelo estudante surdo no ensino médio

*Edson Teixeira de Rezende, Geraldo Balduino Horn,
Ademir Aparecido Pinhelli Mendes*

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as condições para aprendizagem filosófica a partir da percepção dos estudantes, professores e intérpretes. Parte-se do pressuposto de que a Libras, como língua natural da pessoa surda, precisa ser utilizada nos diversos momentos do processo didático-pedagógico. O professor tem uma língua de base oral e os estudantes surdos, uma língua visual espacial; por essa razão, se faz necessário o uso de textos, vídeos e demais recursos para exposição, explicação, avaliação e socialização do conhecimento. O conhecimento da cultura surda e das diversidades identitárias das pessoas surdas é relevante para a adequação dos conteúdos na disciplina Filosofia. Assim, a pergunta central que se procura responder com este estudo é: o que é necessário considerar, do ponto de vista didático-pedagógico, para possibilitar a aprendizagem filosófica aos estudantes surdos em salas de aula inclusivas? A pesquisa se apoia nas abordagens epistemológicas dos estudos surdos (QUADROS, 2003, 2007, 2008; FERNANDES, 2003, 2007, 2014) para apresentar aspectos culturais e a importância da língua de sinais no processo educativo e formativo da pessoa surda. Utilizou-se a pesquisa de observação participante para coletar informações e relatos de professores, estudantes e intérpretes envolvidos no processo de ensino e aprendizagem na disciplina Filosofia

em sala de aula inclusiva no ensino médio. Destaca-se a necessidade de tempo para pensar nas práticas de adaptação curricular e pedagógica, a fim de proporcionar condições para a aprendizagem filosófica voltada ao estudante surdo.

Palavras-chave: Aprendizagem filosófica; Surdos; Libras; Educação de surdos.

Deaf student's philosophical learning conditions in high school

ABSTRACT

The aim of the article is to analyze the conditions for philosophical learning from the perception of students, teachers and sign language interpreters. It is assumed that Libras (Brazilian Sign Language), as the natural language of the deaf person, needs to be used at different times in the didactic-pedagogical process. The teacher has an oral base language and Deaf students a spatial visual language. For this reason, it is necessary to use texts, videos and other resources for exposure, explanation, evaluation and socialization of knowledge. The knowledge of the Deaf culture and of the diversity of identity of the Deaf people are relevant to the adequacy of the contents in the Philosophy discipline. The central question that we seek to answer in this study is: what is it necessary to consider, from a didactic-pedagogical point of view, to enable philosophical learning for Deaf students in inclusive classrooms? The research is based on the epistemological approaches of Deaf Studies (QUADROS, 2003, 2007, 2008; FERNANDES, 2003, 2007, 2014) to present cultural aspects and the importance of sign language in the educational and training process of the Deaf person. We used participant observation research to collect information and reports from teachers, students and Libras interpreters involved in the teaching and learning process in the Philosophy discipline in a high school inclusive classroom. It is important to note the need for time to think about curricular and pedagogical adaptation practices to provide conditions for philosophical learning for the Deaf student.

Keywords: Philosophical learning; Deaf; Libras (Brazilian Sign Language); Deaf education.

1. Introdução

A presença de estudantes surdos em sala de aula com alunos ouvintes e professores de Filosofia, que realizaram formação pedagógica antes da Lei nº 10.436/2002 e da regulamentação do Decreto nº 5.626/2005 e não tiveram contato com a disciplina Libras durante sua formação inicial, impõe indagações sobre a aprendizagem filosófica deles no ensino médio. Essa problemática é reconhecida por pesquisadores que trabalharam com essa realidade em sua prática profissional e, diante dela, resolveram investigar o seguinte problema de pesquisa: quais são as condições para que o estudante surdo possa aprender Filosofia no ensino médio? Para responder a essa questão, busca-se analisar as condições para aprendizagem filosófica pelos estudantes surdos; entender as percepções dos estudantes, professores e intérpretes (Tradutor-Intérprete de Língua de Sinais – TILS) sobre as condições do ensino de Filosofia, bem como compreender como ocorre o ensino de Filosofia na sala de aula inclusiva (ouvintes e surdos) no ensino médio.

A partir de uma pesquisa de observação participante em aulas de Filosofia com estudantes do ensino médio, foi possível coletar informações sobre as necessidades do aluno surdo na sala de aula inclusiva, assim como verificar o processo de adaptação e os aspectos linguísticos e culturais presentes nas atividades pedagógicas. A falta de condições e de materiais de ensino e aprendizagem, como a ausência de textos traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), foi o principal problema identificado.

O ensino de Filosofia se faz especialmente a partir do uso de textos filosóficos. Muitas vezes, o professor não percebe que o texto escrito em língua portuguesa é para o estudante surdo um texto de outra língua – uma segunda língua. Ainda, foi possível identificar a ausência em algumas salas do TILS; quando ele se encontra, esse profissional precisa trabalhar todos os horários em sala de aula, o que impossibilita ao profissional ter acesso antecipado aos textos e outros materiais que serão utilizados nas aulas para verificar a questão linguística, conversar e interagir com o docente. Ainda, o uso de uma pedagogia visual requer diálogo entre os profissionais e tempo, inclusive, para elaboração das atividades avaliativas que deveriam ser apresentadas em Libras, para respeitar a legislação e potencializar a reflexão e resolução pelos estudantes surdos.

Para análise dos dados coletados por meio da observação participante, tomam-se como pressupostos as contribuições e reflexões do campo dos estudos surdos sobre a língua, como, por exemplo, considerar que

as famílias dos Surdos constituem contextos monolíngues em Língua Portuguesa, pelo fato de que as crianças surdas, em mais de 95% dos casos, são nascidas e criadas em meios ouvintes. Na infância não se apropriam de referências culturais da comunidade surda e não têm interlocutores fluentes em Libras para garantir seu direito à língua materna. (FERNANDES; MOREIRA, 2014, p. 58).

Nesse cenário, a mediação pedagógica do professor realizada em língua portuguesa na modalidade oral e o suporte do texto (língua portuguesa na modalidade escrita) constituem o cotidiano e o *habitus* desses estudantes, sendo *habitus* aqui entendido como

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas. (BOURDIEU, 1983, p. 62).

Portanto, o *habitus* do surdo é um critério importante ao organizar e realizar atividades pedagógicas de leitura e escrita como estratégia da aprendizagem filosófica, para que o estudante realize a recepção filosófica utilizando a Libras e apresente suas reflexões a partir da sua língua natural, sendo suas respostas traduzidas pelo TILS ao docente, ou este colabore com o estudante para traduzir suas respostas em vídeo de Libras para o português, como uma atividade de letramento, de modo que os conteúdos e problemas filosóficos sejam avaliados a partir da Libras.

Posto isso, este artigo tem como objetivo analisar as condições para aprendizagem filosófica, considerando a percepção dos estudantes, professores e TILS, a partir do

pressuposto de que a Libras, como língua natural da pessoa surda, precisa ser utilizada nos diversos momentos da prática didática. Entender a importância do TILS no processo de escolarização é, conforme Silva (2016), reconhecer a direito da pessoa surda de utilizar a sua língua natural no processo de aprendizagem, constituindo um elemento cultural e favorecendo a constituição da identidade do estudante.

2. Material e métodos

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a observação participante. Conforme Thiollent (1985) e Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa realizada por meio da observação participante agrega diversos instrumentos para coleta de dados e pode ser permeada por múltiplos contextos. Na pesquisa participante, ao considerar o local, as pessoas e o que elas manifestam, o pesquisador deve estar aberto a entender, problematizar e analisar o que vai encontrar no contato com terceiros em seu espaço. Por isso, “utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características”. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16).

São diversas as estratégias utilizadas para a coleta de dados, conforme descrevem Vianna (2007) e Bogdan e Biklen (1994), como questionário, entrevista, observação na escola, análise de materiais da observação e/ou documental, a fim de compreender as condições do aprendizado filosófico pelo surdo na escola inclusiva.

A propósito da observação participante, o texto destaca o interesse por um problema particular; ‘a constituição do outro na relação que se estabelece na pesquisa’ [...] a observação participante possibilita formas de interação entre o pesquisador e os sujeitos, permitindo uma abordagem pessoal e abrindo fontes de informação (EZPELETA; ROCKWELL, 1986, p. 83).

A pesquisa busca entender como as particularidades linguísticas e culturais dos estudantes surdos são reconhecidas e trabalhadas no ensino e aprendizagem da Filosofia e, de modo mais específico, responder à seguinte questão: **quais são as**

condições para que o estudante surdo possa aprender Filosofia no ensino médio?

Os momentos de pesquisa são descritos no Quadro 1, enquanto a Tabela 1 traz o número de participantes e o Gráfico 1, o perfil etário dos estudantes.

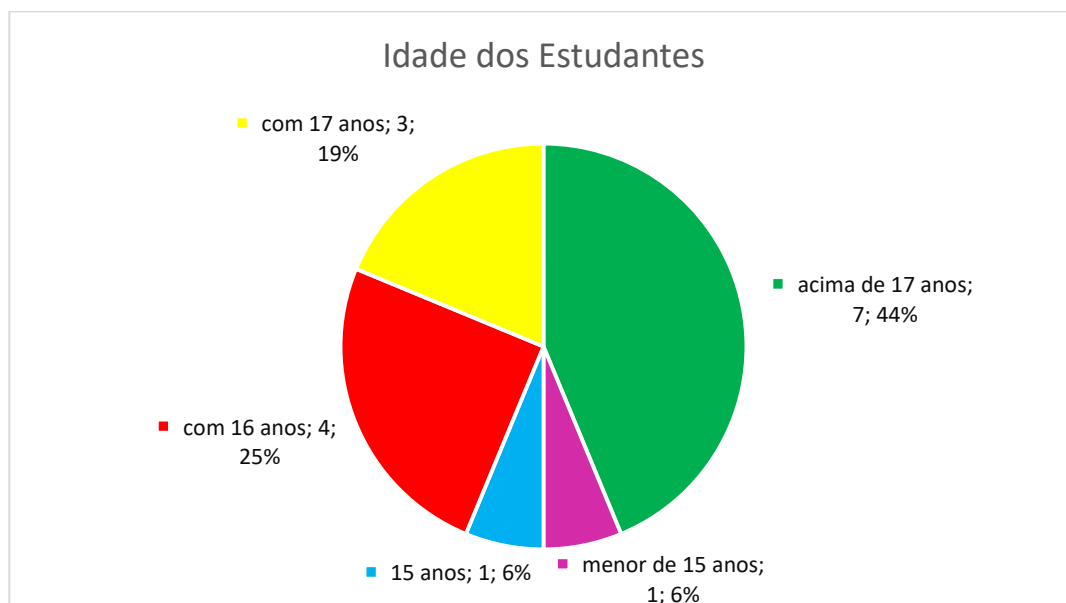
Quadro 1 – Etapas da pesquisa

Etapa	Descrição
1	Questionário presencial com professores, TILS e estudantes de quatro estabelecimentos de ensino do NRE- AM Norte.
2	Questionário aplicado a 16 estudantes surdos depois de um período de observação de 14 aulas de Filosofia com a presença de alunos surdos em colégio da cidade de Pinhais (PR). O questionário e as respostas foram desenvolvidos em Libras e transcritos em língua portuguesa para análise posterior.

Tabela 1 – Participantes da pesquisa

Participante	Participantes que responderam aos questionários	Número de questões do questionário
Professor	4	7
TILS	9	9
Estudante	16	27

Gráfico 1 – Idade dos estudantes (etapa 2)



É importante considerar como elemento qualitativo da pesquisa participante, decorrente do rico material obtido com questionários, a prática de ensino de Filosofia em uma escola estadual que atende a estudantes surdos. O questionário em Libras e o registro em imagem das perguntas e respostas, bem como as observações *in loco*, mostram como ocorre o processo didático-pedagógico e de ensino-aprendizagem nas aulas inclusivas de Filosofia.

3. Resultados e discussão

Os resultados e discussões são realizados em dois momentos: no primeiro, faz-se a análise sobre como os estudantes surdos avaliam as condições escolares para o aprendizado de Filosofia; no segundo, busca-se compreender o processo de aprendizagem filosófica considerando a relação entre os professores de Filosofia e o TILS.

3.1 Avaliação da condição de aprendizagem filosófica

Ao compreender como o surdo avalia as condições escolares para o aprendizado filosófico, foram analisadas as dificuldades e possibilidades considerando a Libras e sua presença ou ausência nas mediações de ensino e aprendizagem.

Um elemento retratado pelos estudantes na pesquisa, para tentar entender a condição cultural e linguística no espaço e campo escolar, foi a dificuldade do não reconhecimento de alguns tópicos textuais. Dos 16 estudantes que preencheram o questionário, oito fizeram referência à dificuldade com a disciplina Filosofia pelo uso de textos. Alguns salientaram o uso da língua portuguesa como instrumento principal nos processos avaliativos como outro dificultador para a compreensão das questões e devolutiva das reflexões na disciplina.

O entendimento da língua portuguesa na disciplina foi apontado pelo Estudante 11¹ quando indagado sobre o que pensa a respeito do ensino de Filosofia: “*Texto difícil*”; já como forma de perceber o valor atribuído à língua portuguesa no ensino de Filosofia pelos estudantes, tem-se a seguinte assertiva: “*Eu muito difícil texto comprido*” (ESTUDANTE 4).

Sobre a língua portuguesa e a interação que estabelece com os conteúdos escolares e as pessoas, o Estudante 13, ao responder à questão sobre a surdez, afirmou: “*Os surdos têm muito dificuldade de escrever português conversar com outras pessoas e principalmente família não tem muito comunicação com outros e fica muito perdido*”. A dificuldade com a compreensão do texto retratada por ele se deve ao fato de a língua portuguesa não ser a língua natural do estudante surdo. Fernandes e Moreira (2014) e Quadros (2007), entre outros pensadores do campo dos estudos surdos, chamam atenção sobre a necessidade de pensar a educação bilíngue no processo de escolarização.

Quanto à aquisição do português como segunda língua do surdo e como pensar o uso do texto apresentado para o estudante em língua portuguesa, na modalidade escrita, ressalta-se o que diz Freire (1999, p. 30, grifo nosso):

¹ Utilizou-se, como forma de mencionar os dados referentes às pessoas nos questionários das etapas 1 e 2 da coleta de dados, o seguinte elemento de organização e apresentação: aquele que preencheu primeiro foi denominado 1, até o último, de forma sequencial, garantindo a privacidade dos professores, TILS e estudantes.

É importante também ressaltar que as dificuldades com o componente sistêmico podem ser enfrentadas mais naturalmente quando os aprendizes são apresentados a textos escritos que tratam de conhecimento do mundo com o qual eles já estão familiarizados. A verdade é que o aprender se torna uma tarefa quase intransponível quando o aprendiz tem que enfrentar problemas de vocabulário, morfologia e sintaxe **em um texto sobre um assunto que ele desconheça**. Não podemos esquecer, no entanto, que o conhecimento de mundo pode variar de pessoa para pessoa e que, portanto, muitas vezes, este componente também terá que ser organizado, explorado, suprido, construído em sala de aula através de um processo de negociação na primeira língua dos estudantes.

Os apontamentos de Freire (1999) são relevantes ao indicar que, quando há desconhecimento do assunto na leitura do texto, o aprendizado passa a ser uma tarefa quase intransponível. Nesse contexto, no desenvolvimento e mediação para a leitura de Filosofia, o professor, ao apresentar dados como quem escreveu, qual é a época, o problema que o texto apresenta, em qual epistemologia foi escrito e esclarecer conceitos presentes no texto, colabora para diminuir a dificuldade que o estudante apresenta ao ler o texto de Filosofia. É importante salientar que essa estratégia colabora com o aprendizado de ouvintes e surdos, pois o cuidado com a apresentação do texto pelo docente pode facilitar a leitura do mundo a partir das ideias postas, especialmente quando esses esclarecimentos respeitam a diversidade linguística² presente em sala de aula.

A importância e o cuidado na seleção dos textos³ que serão lidos, a ausência dessas ideias em língua de sinais⁴, o encaminhamento e a mediação oferecidos para a leitura do texto filosófico devem ser trabalhados pelo docente, pois a leitura do mundo, como anterior à palavra, algumas vezes precisa ser provocada para analisar o texto, a partir de problemáticas que o autor da obra se colocou ao produzi-la. As implicações na realidade do estudante colaboram para o entendimento.

² Isso significa transmitir em Libras para os estudantes surdos; para isso, o ideal seria um professor bilíngue (domine a Libras e o português) ou, em caso de ausência desse profissional, a presença do TILS, além de as instruções serem oferecidas em língua portuguesa para os estudantes ouvintes.

³ A compreensão é decorrente da dificuldade que os estudantes manifestaram na pesquisa, conforme o questionário aplicado na etapa 2.

⁴ Tradução dos textos utilizados na sala de aula para Libras, para ter acesso inicialmente às ideias na língua natural do surdo e depois fazer a leitura em língua portuguesa.

Na etapa 1 da pesquisa, quando foram entrevistados professores, TILS e estudantes, encontraram-se três respostas nos grupos de estudantes quanto ao valor de aprender Filosofia: (i) o primeiro grupo de estudantes reconhece a importância do aprendizado da Filosofia, por favorecer o pensamento, por isso há sua adesão na tentativa de aprender e usar a Filosofia no seu dia a dia; (ii) o segundo grupo não gosta, pois é preciso pensar, descrever e socializar, além de não se interessar por refletir sobre as temáticas propostas na disciplinas; (iii) o terceiro grupo se manifesta indiferente, ou seja, não afirma gostar ou não, simplesmente estuda porque compõe a grade curricular. Todavia, um fator unânime nas respostas foi a presença do TILS, descrita como importante nesse processo de inclusão e aprendizado. Com esse panorama, tem-se explicitada a dificuldade da interação e mediação, fundamental para o aprendizado do conhecimento científico-filosófico do estudante surdo, nas escolas que não contam com esse profissional.

Por sua vez, o professor, imerso no campo educacional, reconhece a necessidade de atender às demandas oriundas dos vários setores da instituição, promovendo adaptações na metodologia, de modo a não faltar acesso ao conhecimento e às metodologias nas disciplinas específicas que podem colaborar no ensino e aprendizagem dos estudantes surdos.

No que diz respeito à prova⁵ em língua portuguesa, como componente da prática educativa, tem-se a dificuldade de compreensão e resolução das questões pelo estudante surdo. Em ambas as etapas da pesquisa, os estudantes comentaram sobre a dificuldade de entender o português e com as provas, por serem apresentadas questões em língua portuguesa, não ocorrer o uso de imagens muitas vezes e existir a “crença” de alguns professores de que seria melhor não utilizar a língua portuguesa na modalidade oral, apenas no domínio da modalidade escrita; essa afirmação foi extraída de respostas dadas por alguns professores sobre a legenda em filmes como elemento que permite apropriação do conteúdo exibido. Na mesma perspectiva, ao solicitar que o estudante escreva seu entendimento sobre um tema, mesmo que o registro seja na segunda língua dele, a prática implicitamente parte da crença de que os surdos dominam a escrita como forma de exposição.

⁵ A provas e/ou instrumentos avaliativos que desconsideram as particularidades linguísticas dos estudantes, se aplicam os mesmos argumentos expostos nesse parágrafo.

A respeito, no Decreto nº 5.626/2005, ao tratar do uso e da difusão da Libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, afirma-se:

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos. (BRASIL, 2005).

Considerando o exposto nesse excerto, é preciso que o sistema de ensino possibilite mecanismos para que a avaliação do surdo utilize meios alternativos, fazendo o registro por recurso de vídeo. É importante considerar que, como professor, é preciso pensar não só nas respostas e na forma como o estudante vai elaborar e apresentar suas ideias, mas como serão construídas e apresentadas as questões para sua produção.

Compreende-se que o estudante surdo possui como língua natural a língua de sinais, no caso brasileiro, a Libras, fundamental para perceber que a aquisição, o desenvolvimento e o entendimento de informações ensinadas na língua portuguesa na modalidade escrita não são simples e naturais. Assim, no desenvolvimento das aulas e nos instrumentos avaliativos, é importante utilizar vídeos e possibilitar que questões respondidas em língua portuguesa possam ser complementadas com explicação em Libras gravada, a fim de potencializar a compreensão do que foi apreendido e do que é preciso ser retomado pelo professor em suas aulas.

3.2 O processo de aprendizagem filosófica: relação professor-TILS

De acordo com Silva (2016), pode-se analisar o processo de educação de um estudante surdo num espaço inclusivo, em que há desconhecimento docente e ausência da prática da Libras no ensino. A simplificação da abordagem faz com que exista uma desigualdade entre ouvintes e surdos no conhecimento ofertado,

dificultando a continuidade da escolarização destes, visto a defasagem gerada por essa realidade, com a falta de transmissão adequada de conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos devido a um problema de diferenças linguísticas e não de capacidade cognitiva.

A Declaração de Salamanca considerou uma das coisas mais peculiares da educação de Surdos: a questão da língua. No entanto, ainda assim, a língua é apenas mencionada nos documentos através de recomendações, mas não de inserção e viabilização de um ensino tendo como espinha dorsal a língua de sinais. (QUADROS, 2003, p. 86).

Conforme menciona Quadros (2003), nem os documentos internacionais apontam o valor da língua de sinais para a educação dos surdos e sua inserção nas práticas pedagógicas, principalmente ao se constatar que apenas os materiais e as dinâmicas não parecem ser efetivos para o processo de ensino-aprendizagem. Segue relato de um participante sobre esse tema:

Muitos surdos são aprovados ao longo dos anos sem ter boa compreensão dos conteúdos, isso porque não houve intérprete para ele ou ele mesmo não compreende bem Libras para se desenvolver no ensino. Mas a maioria dos Surdos que chega no Ensino Médio tem domínio médio a pleno de Libras. (INTÉRPRETE 2).

Ao apresentar os princípios da Libras, Gesser (2009) explica que, como todas as línguas naturais orais, ela também possui uma gramática, não existindo, assim, uma superioridade entre as línguas no que corresponde à capacidade de desenvolvimento, raciocínio e pensamento. O sentimento de preconceito de uma língua pode ocorrer socialmente pelo prestígio atribuído aos falantes por causa das diversas condições econômicas, culturais e políticas.

Para o bom desenvolvimento do estudante surdo, o contato do adulto surdo e do professor surdo com a criança surda é de vital importância para o processo de

afirmação da sua cultura, da língua de sinais e do desenvolvimento da identidade. Ainda, entender que a Libras é uma língua torna-se fundamental para descrever algumas de suas características, que são compartilhadas com todas as outras línguas vivas, como ser passível de modificações decorrentes do uso e do desuso dos termos. Por sua vez, a noção de ser necessário utilizar mímicas para expressar uma ideia e/ou explicar demonstra desconhecimento por parte do interlocutor. Sobre as expressões faciais, um dos elementos da gramática da língua de sinais, é interessante trazer o seguinte entendimento:

São chamadas de marcações não-manuais e acompanham determinadas estruturas, tendo um escopo bem definido. No nível morfológico, as marcações não-manuais estão relacionadas a grau e apresentam escopo sobre o sinal que está sendo produzido. Os adjetivos estão associados ao grau de intensidade. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2008, p. 3).

Portanto, a incompreensão ou a ausência de conhecimentos sobre a cultura surda e o papel da língua para a aprendizagem colabora para se produzir, como descreve Silva (2016), uma adaptação curricular insuficiente, desconsiderando a competência para a formação desses estudantes no processo educativo.

Na prática, constato que os conteúdos ensinados aos Surdos são diferentes dos conteúdos das turmas de ouvintes, pois passam por uma simplificação. A escola é igual, o currículo é igual, mas o ensino para Surdos é diferente, com conteúdos menos aprofundados. (SILVA, 2016, p. 21).

Essa denúncia é significativa para problematizar o papel do currículo e os aspectos da cultura dos estudantes na elaboração do programa escolar para o processo educativo. Reconhece-se que “aquilo que é definido como sendo conhecimento escolar constitui uma seleção particular e arbitrária de um universo muito mais amplo de possibilidades” (SILVA, 1990, p. 61). O currículo apresenta a cultura, valores sociais e históricos, concepção epistemológica sobre as pessoas, o mundo e a

finalidade de um processo educativo, por isso é importante que considere o *habitus* dos estudantes, que entenda a presença da diversidade como constitutivo da produção do conhecimento, considerando que,

enquanto a política de apropriação de conceitos continuar desvinculada de práticas curriculares em que a diferença seja enriquecedora, promotora de criação de novos conhecimentos, a escola, seja ela em que modalidade for, continuará perpetuando a exclusão, o preconceito e a discriminação social. (DORZIAT, 2009, p. 56).

Quando, na pesquisa exploratória, se perguntou sobre a percepção da dificuldade do estudante surdo com a disciplina Filosofia, o Intérprete 1 informou: “*Sim, por ser algo abstrato, exige maior reflexão para a compreensão de suas teorias e conceitos*”. Essa reflexão está presente em outro relato: “*Por que a filosofia é muito abstrata, e na hora da explicação por mais que tentemos mudar com alguns sinais às vezes eles também não entendem*” (INTÉRPRETE 3). A natureza da disciplina corrobora a necessidade do seu ensino no espaço escolar, pois faz referência à vida cotidiana, à filosofia presente na realidade, aos textos e reflexões anteriores como ferramentas para analisar e compreender o cotidiano. Diante disso, o papel da mediação pedagógica para a aprendizagem filosófica é imprescindível para que a recepção filosófica tenha condições de acontecer, considerando o tempo, o conhecimento, a tradução para a língua do estudante, o que significa mudar o conteúdo para que se apreenda a parte essencial da mensagem de determinada comunicação. Frisa-se que se verifica sempre o grande auxílio do TILS, mas a função de ensinar do educador é indelegável.

Conforme Mendes (2014, p. 74), o ensino e o aprendizado da Filosofia requerem uma mediação para planejar, “problematizar, investigar os problemas filosóficos no âmbito de cada conteúdo que estava trabalhando”. Para entender essa tarefa do professor filósofo, quando se encontra com os diversos estudantes, é preciso conhecer quem eles são, para que a “complexidade da Filosofia se constitui no desafio de pensar de vários jeitos [...] É complexa, pois exige estudo, esforço,

dedicação, e, como em outras disciplinas, a dificuldade de aprendizagem é um desafio a ser superado” (MENDES, 2014, p. 169).

No processo de mediação, a “ausência de uma língua comum entre o professor ouvinte e o estudante Surdo traz dificuldades para o estudante em relação ao seu desempenho e participação em sala de aula, já que não pode relacionar-se diretamente com o professor” (LACERDA, 2015, p. 35). Ao considerar a importância do *habitus* do estudante no processo educativo, o surdo tem direito à escola bilíngue, como aponta Fernandes (2003), pois se busca reconhecer o valor linguístico-discursivo no processo de elaboração e constituição da identidade surda. Sobre isso, Lodi (2013, p. 61) afirma:

Embora a Política tenha sido tecida por meio de um discurso que busca uma aproximação com os princípios de educação bilíngue para Surdos constitutivos do Decreto (aceitação da Libras nos espaços escolares e do ensino do Português como segunda língua), a análise dos enunciados que a fundamentam, postos em diálogo com as propostas defendidas, mostra inconsistências e um olhar para a educação de Surdos que não se desloca do plano discursivo, na medida em que se reproduz, na proposição das práticas inclusivas, o passado que excluiu as pessoas surdas dos processos educacionais/sociais.

Deve-se, assim, na elaboração do currículo, propor um ensino a partir de uma concepção que reconheça o outro, sua cultura, os elementos de seu cotidiano a ser estudados, analisados, problematizados, entendidos como forma de afirmação da autonomia. Não se busca “fazer para” e, sim, “fazer com” os estudantes; pensar nessa finalidade do ensino é fundamental.

Esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quanto o educador-estudante se encontra com os estudante-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. (FREIRE, 2016, p. 115).

Com esse intuito, a pesquisa⁶ e a convivência com os TILS no espaço pedagógico permitiu perceber as dificuldades, enfrentamentos, superações e desafios do ensino de Filosofia com o estudante surdo no espaço inclusivo. Nesse contexto, pensar no texto filosófico e como disponibilizar o acesso respeitando a diversidade linguística do estudante, a mediação e explicação feita na língua portuguesa oral, que precisa ser compreendida pelo TILS para sua tradução em tempo real ao estudante, a compreensão de sinais de termos técnicos, de modo a transmitir a intencionalidade da mensagem para o estudante, são algumas das dificuldades.

Entende-se que um elemento importante para a aprendizagem filosófica é a interação entre o professor de Filosofia e o TILS, além de sua relação com o conhecimento dos estudantes, os conteúdos, o cotidiano e o currículo ser fundamental para pensar na adaptação e seleção dos materiais a ser utilizados no processo de ensino e aprendizagem para potencializar o desenvolvimento e apropriação dos conhecimentos pelos estudantes surdos.

4. Considerações finais

A partir da pesquisa, salienta-se a necessidade de convencimento, principalmente, em relação a: (i) aprendizado da língua de sinais pela comunidade escolar; (ii) necessidade do aprofundamento do domínio linguístico de Libras; (iii) ausência do tempo pedagógico necessário para que o intérprete possa dialogar com os vários agentes educacionais, a fim de pensarem juntos estratégias para o ensino-aprendizagem.

Trabalhos de pesquisa que possibilitem ao professor conhecimento basilar dos conceitos da disciplina e da comunicação em Libras, colaborar na adaptação curricular diante das possibilidades (tempo, conhecimento, abertura para sugestões) e afirmar a importância da cultura surda, da língua de sinais e das identidades surdas no processo de aprendizagem podem contribuir para o conhecimento do docente sobre essas temáticas.

⁶ Pesquisa e questionário aplicado aos TILS, conforme apresenta o Quadro 1.

Considerando a importância da especificidade na mediação do conhecimento filosófico para formação do estudante surdo, é fundamental garantir a presença/permanência do TILS nas salas de aula inclusivas, como forma, inclusive, de respeitar a condição linguística do surdo. É preciso registrar que, na escola inclusiva que não conta com professor bilíngue, as condições de trabalho⁷ do TILS (durante as 25 horas-aula em salas) não permitem a troca de conhecimentos importantes para o desenvolvimento de ambos os profissionais. Isso é claramente perceptível, seja em relação à forma de adaptação das atividades do plano de trabalho docente, seja nos materiais utilizados em sala de aula e socializados, para verificação de sinais e termos adequados na Libras. Enfim, trata-se de barreiras que precisam ser superadas para melhorar o ensino na sala de aula inclusiva com a presença de estudantes surdos.

Referências

- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/125099097/lei-13005-14>>. Acesso em: 20 dez 2020.
- DORZIAT, Ana. **O outro da Educação**: Pensando a surdez com base nos temas identidade/diferença, currículo e inclusão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.
- FERNANDES, Sueli Fatima. **Educação bilíngüe para Surdos**: identidades, diferenças, contradições e mistérios. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, 2003.

⁷ Na presença de estudantes surdos e ouvintes, é preciso ministrar as explicações em uma língua; pelas condições informadas na pesquisa, isso ocorre em língua portuguesa oralizada, com tradução para a Libras mediante presença do TILS.

FERNANDES, Sueli Fatima; MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de educação bilíngue para Surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba. Número 2/2014- Edição Especial p. 51-70, 2014.

FREIRE, Alice Maria da Fonseca. Aquisição do Português como segunda língua: uma proposta de currículo para o Instituto Nacional de Educação de Surdos. 1999. In: Skliar, Carlos. (org.) **Atualidade da educação bilíngue para Surdos**, 2^a ed. Porto Alegre: Editora Mediação, v. 2, p. 25-34.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro, 2016.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

GESSER, A. **Libras?: Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no Ensino Fundamental**. 6. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2015.

LODI, Ana Cláudia Balieiro. Educação bilíngue para Surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 1, p. 49-63, 2013.

MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. **Atitude filosófica do jovem no cotidiano escolar do Ensino Médio: um estudo sobre as possibilidades da recepção do conteúdo de filosofia política**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

QUADROS, Ronice Muller. Situando as diferenças implicadas na educação de Surdos: inclusão / exclusão. **Ponto de Vista**, n. 5, p. 81-111, 2003.

QUADROS, Ronice Muller (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Ed. Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Muller; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. Ronice Muller de Quadros Aline Lemos Pizzio. **Língua Brasileira de Sinais II: Tópicos de lingüística aplicados à Língua de Sinais: Sintaxe**. 2008.

SILVA, D. da. **Políticas de acessibilidade para Surdos: perfil e condições de trabalho dos tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) das escolas da rede estadual de ensino de Curitiba e região metropolitana**. Dissertação (Mestre em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete**



operária. 4ª ed. São Paulo: Editora Polis, 1985.

VIANNA, Heraldo Marelin. **Pesquisa em Educação**: a observação. Brasília: Plano Editora, 2007.

Autores:

Edson Teixeira de Rezende

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professor de Filosofia da Faculdade de Ensino Superior do Paraná FESPPR, Secretaria de Educação do Paraná. E-mail: profetr@gmail.com

Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5579211964550306>>.

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5044-8167>>.

Geraldo Balduino Horn

Doutor em Educação - Universidade de São Paulo. Professor Titular do Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado e Doutorado - Universidade Federal do Paraná. E-mail: gbalduino.ufpr@gmail.com

Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0374854245866516>>.

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-1056-4822>>.

Ademir Aparecido Pinhelli Mendes

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é professor do Quadro Próprio do Magistério - Secretaria de Estado da Educação do Paraná. E-mail: pinhellimendes@gmail.com

Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5196620535287885>>.

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-4929-9544>>.